

# Apresentação

1

O sentido primeiro de *Landa* como título da revista do Núcleo Juan Carlos Onetti foi pensado enquanto terra devastada, mas terra devastada contemporânea na linha de “o que resta de”. Portanto, a chamada “Literatura e guerra” e o “Dossiê Malvinas” eram questão de tempo. Chegada a hora, choveram contribuições – uma chuva necessariamente ácida, aflitiva e reflexiva – e aos seus autores queremos agradecer antes de mais nada. As abordagens e os temas são os mais variados, mantendo no entanto todos um alto nível de qualidade em termos de “literatura, arte e pensamento”: a seção “Literatura e guerra” começa com a figura ao mesmo tempo central e excêntrica de Arthur Rimbaud como “poeta da guerra”, passa pelos nomes diversos e avessos de Anselm Kiefer, Tomás Eloy Martínez, Bélla Tarr, Carlos Liscano, Juan Carlos Onetti, Érico Veríssimo, H. G. Wells, Gabriel Tarde, Antonio Lobo Antunes, F. Scott Fitzgerald e E. L. Wallant e pelos debates em torno do arquivo, do testemunho, do pós-colonialismo, da catástrofe, do romance e da catarse, da poesia como documento de guerra, da guerra civil, da experiência do medo, da agonia e da violência, e do homem norte-americano condensando em si de modo dramático toda a potência de devastação contemporânea. A ideia era justamente apresentar um painel vasto e heterogêneo a propósito de tema tão candente e cabe exclusivamente aos leitores desta publicação avaliar o resultado de tamanho trabalho e de tamanha busca. Devemos um agradecimento especial ao autor da imagem da capa desta seção: o artista e designer inglês Dominic Wilcox. A fotografia pertence à série *War Bowl*, 2002, onde uma parte de cada exército feita de soldadinhos de plástico *con-fun-de-se* com a outra, criando uma massa monstruosa. Dentre as obras de Wilcox destacam-se as animações mecânicas das mini-esculturas colocadas nos ponteiros de relógios antigos (*Watch Sculptures: Moments in time*, 2011); os sapatos com LEDs e GPS para a volta à casa desde qualquer lugar (*No Place Like Home, GPS shoes*, 2012); um dispositivo com luvas de borracha para cumprimentar (*Pre-Hand-*

*shake Handshake Device*, 2010); adesivos que emulam ferrugem e arranhões para evitar o roubo de bicicletas novas; uma mesa de trabalho para ramos de árvores que permite pensar com uma xícara de chá e lápis na mão (*Tree Branch Work Desk*, 2012). Site: <http://dominicwilcox.com/>

No “Dossiê Malvinas”, à diferença da seção anterior, lemos uma genuína aula magna sobre o assunto em conferência de Horacio González, diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, realizada em Florianópolis no dia 10 de maio de 2012: as ilhas Malvinas pensadas a partir do ponto de vista da história e da literatura, em mescla de talento incomum apresentada durante duas horas diante de uma plateia atenta e atônita no Auditório Henrique Fontes da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua transcrição, sem exagero ou falsa modéstia, é um regalo de fim de ano aos leitores. Já as intervenções de Raul Antelo (UFSC) e Jefferson Agostini Mello (USP) circunscreveram e complementaram o debate de maneira não menos brilhante durante o Ciclo de Conferências “Malvinas, mar e meio ambiente”, organizado pela Secretaria de Cultura e Arte, o Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC) e o Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-americanos desta Universidade.

Na seção “Olhares” podem-se ler dois perfis de intelectuais destacados em seus respectivos contextos, o da argentina María Teresa Gramuglio por Alberto Giordano e o do palestino-americano Edward Said por Jorge Augusto Balestero. Juntam-se a eles um texto do cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini a propósito do escritor argentino J. Rodolfo Wilcock e do escritor francês Marcel Schwob, em preciosa indicação e tradução de Davi Pessoa Carneiro, e uma abordagem das crônicas de viagem do escritor argentino Manuel Mujica Lainez por Diego Niemetz.

Finalmente, na seção “Resenhas”, o também escritor argentino Martín Kohan apresenta *Trasfondo*, narrativa de Patricia Ratto que fecha esta edição em torno da literatura e da guerra como convém, ou seja, contando “un aspecto desusado del capítulo de la guerra naval: la historia de un submarino de combate”. O que resta desta devastação profunda e como seguir adiante em vista dela é o que nos interessa pensar e discutir.